

A ordem VS/SV em interrogativas-Q: um estudo diacrônico em peças teatrais brasileiras e portuguesas

Mayara Nicolau de Paula (UFRJ)*

Resumo

O presente trabalho tem como objetivos principais traçar o perfil da ordem (V)erbo (S)ujeito em sentenças interrogativas-Q do Português Europeu e elaborar uma comparação com os resultados já existentes para as mesmas estruturas do PB (cf. DUARTE 1992). Com base nas descrições para o PE (cf. AMBAR, 1993 e BRITO, DUARTE e MATOS, 2003), que apresenta um sistema de sujeitos nulos estável, acredita-se que essa gramática deve apresentar a ordem VS ativa e a ocorrência de SV condicionada à presença da clivagem. Tendo como aparato teórico o modelo de mudança de Competição de Gramáticas (KROCH, 1989, 2001), elaborado dentro do modelo de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1995), o trabalho apresentará uma investigação diacrônica das interrogativas-Q do PE com base em uma amostra constituída de dados coletados em peças teatrais portuguesas escritas ao longo dos séculos XIX e XX. Espera-se contribuir com evidências empíricas que deem suporte às diferentes gramáticas do PE e PB.

1. Introdução

Tenho como objetivo principal neste artigo comparar a evolução da ordem VS/SV em interrogativas Q no PE com a análise dessas mesmas estruturas feita por Duarte (1992), embasando-me em peças brasileiras escritas ao longo dos séculos XIX e XX.

Segundo Kato e Duarte (2002), a mudança observada nas interrogativas Q do PB por Duarte (1992) – de Q VS para Q SV – estaria intimamente relacionada ao aumento de sujeitos pronominais expressos ao longo do mesmo período (cf. DUARTE, 1993). Essa comparação, que permitiu às autoras levantar a hipótese de que o aumento de pronomes expressos em declarativas e interrogativas teria servido de *input* para a aquisição de SV, é empiricamente demonstrada. A essas evidências, acrescentam-se outros estudos que apontam a fixação da ordem SV ao longo da história do português.

A hipótese geral que orienta o trabalho é que o PE, língua de sujeito nulo, deverá exibir comportamento diferente do exibido pelo PB, conservando o movimento do verbo para C' – QVS – ou utilizando a clivagem – Q é que SV.

2. As interrogativas Q no PB

O português exibia o padrão V2 nas declarativas até o século XVIII. O V2 ainda aparece no XIX, porém com uma frequência mais baixa. Nas interrogativas, esse

* Orientadora: Maria Eugênia Lammoglia Duarte. CNPq/CAPEs.

padrão persiste, particularmente na primeira metade do século XIX, até a clivagem entrar no sistema ao longo do século XIX, como mostra Duarte (1992).

- (1) a. Que tens tu, Emília?
b. Que é que tu tens nesta barriga?

O gráfico a seguir permite observar o comportamento das interrogativas Q no PB

no arquivo do word não tem a imagem ou tabela

Gráfico 1: Distribuição das interrogativas diretas segundo período e padrão em peças teatrais do PB (DUARTE, 1992)

De acordo com Duarte (1992), a introdução do uso da clivagem foi determinante na implementação da ordem SV no sistema. Com a peça de 1937, a autora afirma que o sistema parece se estabilizar, apresentando sistematicamente a ordem VS sem a clivagem e a ordem SV com a clivagem. O gráfico mostra, nesse período, o predomínio de SV (63%) contra VS (37%).

A introdução da clivagem no sistema do português, de fato, parece estar relacionada ao aumento da ordem SV como mostram os trabalhos de Duarte (1992) já citado e Lopes Rossi (1993). As sentenças clivadas se caracterizam, basicamente, pelo destaque sintático (focalização) que dão a um determinado constituinte. Nas palavras de Kato e Miotto (2009, p. 255), *“as sentenças clivadas correspondem a recursos para destacar, na sentença, o foco da pressuposição...”*.

Depois de 1937, a clivagem perde a força na determinação de SV. Duarte afirma que o sujeito anteposto continua crescendo e SV começa a aparecer tanto com clivagem quanto sem clivagem. Os exemplos em (2) e (3) a seguir mostram a mudança na ordem de VS para SV em interrogativas-Q com ou sem clivagem, ao longo do tempo:

- (2) a. O que pensa tua filha do nosso projeto? (O noviço, Martins Pena, 1845)
b. Mas que veio você fazer aqui novamente? (O hóspede do quarto no. 2, Armando Gonzaga, 1937)
- (3) a. O que é que tu tens nesta barriga? (Um elefante no Caos, Millor Fernandes, 1955)
b. E o que você quer? (A Mulher Integral, Carlos Eduardo Novaes, 1975)

Como nos mostra Duarte (1992), as poucas ocorrências de VS nas interrogativas-Q nas duas últimas sincronias (1975 e 1992) estão restritas a verbos monoargumentais, especialmente os inacusativos e construções com o verbo de ligação, desde que o argumento seja um DP lexical.

- (4) a. Como é que me acontece uma coisa dessas? (A Mulher Integral, Carlos Eduardo Novaes, 1975)
 b. Onde andar^á a Neiva? (No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992)

Igualmente nesse último quartel, começam a aparecer as interrogativas sem o movimento do Q (Q *in situ*). Essas sentenças podem receber duas interpretações – (1) pergunta eco: tem entoação ascendente e denota espanto (esse tipo não foi encontrado nas peças). (2) pergunta real: tem entoação descendente, a mesma das perguntas sim/não, como vemos em (5):

- (5) a. E eu vou pra onde? (No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992)
 b. Você vai botar o que hoje? (A mulher Integral – Carlos E. Novaes, 1975)

3. Quadro teórico, corpus e hipóteses de trabalho

Utilizo a proposta de Kroch (1989, 2001) como modelo de mudança para o presente trabalho. Este autor parte do princípio de que a criança fixa os parâmetros e molda sua gramática até o fim de um período denominado período crítico. Ao final desse estágio a gramática nuclear já está formada, ou seja, o processo de aquisição e fixação de parâmetros já está encerrado. Kroch entende que a mudança acontece quando algum parâmetro é marcado diferentemente da marcação da geração anterior, ou seja, a mudança é abrupta e se dá no momento da aquisição. Como teoria linguística associada ao modelo de mudança acima, utilizo os pressupostos da Teoria Gerativa em sua versão Minimalista (CHOMSKY, 1995).

À luz do modelo de Gramáticas em Competição (KROCH, 1989, 2001) aliado à Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1995), empreendo um estudo diacrônico com base em uma amostra constituída de peças teatrais portuguesas produzidas entre os séculos XIX e XX. Desse modo, será possível contribuir para as pesquisas que buscam apontar até que ponto as gramáticas do PE e do PB se aproximam, até que ponto se afastam.

Para fins de comparação, foi montado um quadro semelhante ao de Duarte (2012), que reúne estudos diacrônicos com base em uma amostra ampliada de peças cariocas, entre os quais se encontram os estudos de Santos e Soares da Silva (2012), que analisam a ordem V-DP em estruturas com verbos inacusativos, o de Pinheiro e Marins (2012) para as clivadas e o de Duarte et. al. (2012) para a expressão do sujeito pronominal de terceira pessoa. Utilizo aqui 32 peças portuguesas produzidas entre os séculos XIX e XX divididas em 7 períodos de tempo.

A coleta e processamento dos dados seguirão os passos da Sociolinguística Quantitativa (cf. GUY e ZILLES, 2007). Além de coletar os sujeitos expressos (ordem VS / SV), levarei em consideração as ocorrências de interrogativas-Q com sujeitos nulos.

Uma das hipóteses que norteia esta pesquisa é a seguinte: com base na relação estabelecida por Duarte (1993) entre a mudança na ordem de VS para SV e o aumento de sujeitos expressos no PB é de esperar que no PE, uma língua de sujeito nulo consistente, que não apresenta indícios de mudança na marcação do valor do PSN, haja uma maior produtividade no uso da ordem VS do que no PB, uma língua com a tendência a exibir mais sujeitos plenos. Ou seja, por hipótese, as estruturas VS no PE não sofrem em nenhum momento pressões feitas pela tendência da língua em preencher a posição de sujeito, sendo assim, a ordem VS seria produtiva em todos os períodos de tempo estudados. Logo, a relação entre o PSN e a ordem deve ser confirmada no PE.

A interpretação de Duarte e Kato (2002) para a mudança na ordem de VS para SV, tomada por mim como hipótese, gira em torno do fato de que, no século XIX e início do século XX, o sujeito nulo, tanto em declarativas quanto em interrogativas era muito frequente. Nesse período, a ordem VS alcançava índices bem elevados. A partir dos anos 1930 há um aumento de sujeitos preenchidos e de ordem SV, numa curva de mudança que alcança 73% de sujeitos expressos na análise de Duarte (1993) para todos os tipos de sentenças e 87% de QSV nas interrogativas.

Nos períodos em que o sujeito era realizado foneticamente, a ordem VS se mostrava obrigatória. O aumento do preenchimento da posição de sujeito nas sentenças declarativas afeta diretamente a ordem preferencial dos constituintes desse tipo de sentença, que passa de VS a SV. Tal mudança na ordem das declarativas se espalha para as interrogativas-Q, ou seja, a ordem SV passa a ser aplicada tanto nas declarativas quanto nas interrogativas. Nesse trabalho, as autoras apresentam uma possível explicação para a mudança na ordem das interrogativas no PB. Segundo elas, com o aumento dos sujeitos preenchidos em todos os tipos de oração, a geração mais jovem passou a reanalisar a posição do sujeito em relação ao verbo nas interrogativas-Q, entendendo estruturas V(S) como (S)V, o que desencadeia a mudança na gramática.

- (6) a. Por que ___ parou ___ com a leitura?
 b. Por que parou (**você**) com a leitura?
 c. Por que (**você**) parou com a leitura?

4. As interrogativas Q no PE

No que diz respeito ao fenômeno que interessa a este estudo, o PE não parece passar pelo mesmo processo de mudança que o PB em relação ao PSN. Segundo Ambar (1992), uma sentença como (7 a) sem o movimento do verbo seria agramatical por não apresentar inversão (subida do verbo):

- (7) a. *O que a Maria comprou?
 b. O que comprou a Maria?

Inversões não obrigatórias seriam aquelas que podem concorrer com outros processos não sintáticos para o licenciamento das sentenças, como o acento prosódico, por exemplo, como mostra (8):

- (8) a.? Que disco o Pedro ofereceu à Joana?
 b. Que disco O PEDRO ofereceu à Joana?
 b'. QUE DISCO o Pedro ofereceu à Joana?

O acento prosódico, que confere foco a um constituinte específico, pode tornar a ordem VS facultativa. Nos exemplos acima, o constituinte Q integra um N foneticamente realizado (Q complexo), diferentemente do que se vê em (7). Em tais casos, como mostra (8) a ordem VS também é facultativa. Alguns falantes preferem a inversão mesmo diante de Qs complexos ou exigem a presença de um acento contrastivo sobre o sujeito.

A ordem SV poderá ocorrer no caso de clivagem tanto em interrogativas diretas como indiretas. A autora define a clivagem da seguinte maneira: (i) “*é que é uma partícula com função de realce*” e (ii) “*é que é uma forma derivada do verbo ser e do complementador que*” (AMBAR, 1992 p.189). Diante dessa estratégia, a autora afirma que a flexão sobre para COMP e a coocorrência de clivagem com a ordem VS é marginal, mas é possível no PE.

Ambar trabalha com a hipótese de que existe uma categoria vazia no constituinte Q interrogativo. Segundo ela, essa hipótese explica porque em casos de interrogativos simples a subida do verbo é obrigatória, pois nesse caso existe uma categoria vazia em C que precisa ser preenchida.

Estudos mais recentes, presentes em Brito, Duarte e Matos (2003), sobre as interrogativas Q do PE, reiteram as conclusões feitas por Ambar em 1992. Na seção 12.3.2 da Gramática da Língua Portuguesa (MATEUS et al. 2003), as autoras se dedicam às interrogativas Q (referidas como interrogativas parciais), afirmando que tais estruturas podem envolver ou não movimento dos constituintes Q para uma posição à esquerda da frase.

Os “constituintes leves”, que seriam pouco informativos (os interrogativos desacompanhados de um SN), exigem a ordem VS, tal como afirma Ambar:

- (9) a. *Onde a Maria trabalha? (Brito, Duarte e Matos, p. 471)
 b. Onde trabalha a Maria?

Quando os interrogativos têm a estrutura especificador ou quantificador interrogativo + N realizado foneticamente, ou seja, são estruturas mais “pesadas” ou complexas como em (10), a ordem pode ser VS ou SV.

- (10)a. Quantos livros leu a Maria? (BRITO, DUARTE e MATOS, p. 471)
 b. Quantos livros a Maria leu?

As sentenças clivadas também são estruturas que, assim como os interrogativos complexos, não levam obrigatoriamente à inversão, podendo o sujeito aparecer em posição pré ou pós verbal como mostram os exemplos em (11 a e b) respectivamente:

- (11)a. Onde é que a Maria trabalha?
 b. Onde é que trabalha a Maria? (Brito, Duarte e Matos, p. 472)

Ainda em relação à clivagem, as autoras chamam a atenção para o fato de que, ao contrário do que se observa no PB e no português moçambicano, o interrogativo e o complementizador (referido por Mioto et al. como clivada reduzida), com o apagamento da cópula, são agramaticais no PE, como mostra (12)

- (12)*Quem que chegou?

Finalmente, algumas interrogativas não apresentam movimento, ou seja, a partícula interrogativa pode permanecer in situ. Como já nos referimos antes, trata-se das interrogativas plenas (de fato) e as interrogativas eco (aquelas em que aparece um certo estranhamento do falante acerca da informação), que podem ter as duas interpretações a depender da curva entoacional e do acento de intensidade que recai sobre o constituinte em destaque na interrogativa eco:

Tanto em Brito, Duarte e Matos (2003) quanto em Âmbar (1992) encontramos restrições gramaticais para o fenômeno da inversão, sendo considerado, portanto, um fenômeno gramatical, não estilístico. Com base nas informações acima, concluímos que a obrigatoriedade da inversão só não se aplicaria no PE: (i) quando o elemento Q está acompanhado de um sintagma nominal (SN); (ii) quando a sentença interrogativa é uma estrutura clivada e (iii) nas sentenças interrogativas indiretas, exceto se introduzidas por *que* e *porque*.

5. Análise

A análise conta com 32 peças teatrais do PE divididas em sete períodos de tempo entre os séculos XIX e XX. Os resultados apresentados levam em consideração apenas as interrogativas diretas, visto que as indiretas configuram um contexto em que a ordem SV é licenciada tanto no PB quanto no PE.

O gráfico 2 mostra o comportamento das interrogativas estudadas e através dele é possível observar uma mudança no padrão preferencial do PE.

gráfico 2 - não tem a imagem no arquivo do word

Gráfico 2: Distribuição das interrogativas diretas segundo período e padrão em peças teatrais do PE

O gráfico ilustra a ordem VS em (13), o sujeito nulo em (14), a clivada com SV em (15) e, por fim, a clivada com nulo, padrão muito frequente no PE em (16).

- (13)a. Que farão [as personagens] depois de a peça findar? (Continuação de comédia período IV)
b. Mas como vou [eu] atirar aquela parede abaixo? (Quinze minutos de glória período VII)
- (14)a. Então por que a agrediu? (2ªp. sing. – Os degenerados período III)
b. Por que havemos de vir sempre ao mesmo ponto da conversa? (1ª p. plural – O ausente período IV)
- (15)a. Desde quando *é que* os filhos dão ordens aos pais? (É urgente o amor período V)
b. Que *é que* tu julgavas? (Três gerações período IV)
- (16)a. Porque *é que* diz muito obrigado? (3ªp. sing. – A invenção do guarda chuva período IV)
b. Que *é que* vou sentir na situação de cadáver? (1ªp. sing. – O doido e a morte III)

Alguns casos, devido à baixa frequência, foram retirados do gráfico, nomeadamente: ordem SV sem clivagem, Q *in situ*, VS com inacusativos.

Os resultados do PE mostram que a ordem das interrogativas Q com sujeito nulo se mantém com índices elevados ao longo de quase todos os períodos, resultado que confirma que o PE não é uma gramática que apresenta tendência de mudança em relação ao PSN.

A ordem VS é outra estrutura que se mostrou muito frequente no PE, confirmando uma das hipóteses deste trabalho. Esse padrão apresenta uma queda no período 4 e depois volta a cair nos períodos 6 e 7. A queda do padrão VS no PE é explicada, justamente, pela presença mais forte nesses períodos de sentenças interrogativas clivadas.

As estruturas com clivagem começam a se mostrar relevantes a partir do período 5 que apresenta 17% de clivadas com sujeito nulo e 13% de clivadas com ordem SV. A aparente queda no uso da ordem VS no PE é explicada pela presença da clivagem que vai se tornando cada vez mais frequente ao longo do tempo. Os resultados de um estudo das interrogativas Q no PE contemporâneo falado confirma a forte presença de clivagem como estratégia de interrogação.

A fim de acompanhar a evolução de algumas estruturas separadamente, foram feitas as seguintes tabelas:

	I	II	III	IV	V	VI	VII
PB	55%	47%	56%	48%	37%	15%	14%
PE	58%	35%	52%	55%	41%	53%	51%

Tabela 1: Evolução das interrogativas com sujeitos nulos (clivadas e não clivadas) em peças do PB e PE

	I	II	III	IV	V	VI	VII
PB	38%	39%	35%	19%	16%	18%	10%
PE	100%	97%	100%	88%	100%	100%	100%

Tabela 2: Evolução das interrogativas com ordem VS (x SV) sem clivagem em peças do PB e PE

	I	II	III	IV	V	VI	VII
PB	0	16%	5%	46%	35%	32%	65%
PE	0	5%	12%	12%	30%	25%	44%

Tabela 3: Evolução das interrogativas clivadas (VS, SV e nulos) em peças do PB e PE

A tabela 1 mostra que no PE, diferente do PB, o sujeito nulo se mantém ao longo dos 7 períodos com índices elevados. O PB demonstra, a partir do período 5, queda no uso de estruturas com sujeitos nulos. Os resultados da tabela 1 reforçam conclusões já apontadas por outros autores e no presente trabalho.

Os resultados da tabela 2 são importantes no sentido de reforçar que a ordem VS não é uma estratégia em declínio no PE, apesar do que mostra a linha do gráfico 2. A aparente queda, como foi dito acima, só acontece quando VS está em oposição a estratégia de clivagem. A tabela 2 considera apenas os padrões sem clivagem, o que indica que, quando se trata da escolha entre VS ou SV em sentenças não clivadas, o PE segue preferindo a ordem VS, diferentemente do PB, que mostra uma clara queda nesse padrão ao longo do tempo.

Por fim, como meus resultados vêm mostrando, o uso da clivagem como estratégia de construir a sentença interrogativa Q está crescendo no PE. Nesse caso, as duas gramáticas indicam aumento, o que diferencia PB e PE nesse ponto é que no primeiro a clivagem já não é mais determinante para o uso de SV, enquanto, na segunda, SV aparece em quase 100% dos casos apenas mediante a presença de clivagem.

A análise de alguns dados do PE oral contemporâneo vai ao encontro dos resultados mostrados para os períodos finais no estudo com as peças. Para compor as tabelas abaixo, analisei entrevistas dos *corpora* Cordial Sin e do Concordância para o PE e dados do NURC-RJ e Concordância para o PB. Em ambos os casos, fiz uso da fala do entrevistador para o levantamento dos dados.

PE ORAL	Cordial		Concordância	
	Nº oco	%	Nº oco	%
Clivada Nulo	66	42	62	52
Clivada SV	32	20	19	15
Clivada VS	30	19	11	10
Q in situ	26	16	6	5
Sujeito Nulo	1	1	7	5
VS	2	2	12	10
SV	-	-	1	1
Clivada reduzida	-	-	2	2
Total	157	100	120	100

Tabela 4: padrões de interrogativas Q em dados de língua falada do PE contemporâneo

PB ORAL	NURC – RJ		Concordância	
	Nº oco	%	Nº oco	%
SV	12	16	31	42
Clivada Reduzida	28	34	24	32
Clivada SV	32	39	10	12
Q in situ	4	4	8	10
Sujeito Nulo	-	-	3	3
VS	1	1	1	1
Clivada VS	4	4	-	-
Clivada Nulo	2	2	-	-
Total	83	100	77	100

Tabela 5: padrões de interrogativas Q em dados de língua falada do PB contemporâneo

Observamos a partir da tabela 4 que os padrões mais frequentes no PE oral são as sentenças clivadas com sujeito nulo e com ordem SV. A fala do PE mostrou, nesses dados, baixa utilização de estruturas sem clivagem tanto com ordem VS quanto com sujeitos nulos.

O PB falado tem um comportamento diferente, como já era esperado. Nos dados do *corpus* Concordância a estratégia mais frequente foi a ordem SV sem clivagem, o que confirma o resultado mostrado pelas peças brasileiras (cf. DUARTE, 1992 e PINHEIRO e MARINS, 2012). A sentença clivada reduzida (sem cópula) também se mostrou bem recorrente tanto no NURC como no Concordância, essa é uma estratégia marginal no PE. Ainda que SV ocorra no PB sem a necessidade da clivagem, tivemos no NURC um índice alto (39%) de clivadas com SV.

6. Considerações Finais

Foi possível observar que, em se tratando de estruturas sem clivagem, o PE escrito mantém sua preferência por VS ao longo do tempo. Os sujeitos nulos também mostram uma frequência alta e estável ao longo dos 7 períodos. A sentença clivada se mostrou favorecedora da ordem SV, confirmando a hipótese baseada na descrição prévia para o PE.

Os casos de Q *in situ* ainda carecem de uma análise mais detalhada a fim de que a hipótese de que o PB apresenta mais casos de perda de movimento Q do que o PE seja comprovada e as consequências disso para a descrição das gramáticas sejam desenvolvidas.

A comparação dos dados da fala com os resultados para a escrita das peças mostrou que a ordem VS e o sujeito nulo sem clivagem não se comportam da mesma maneira nos dois sistemas. Foi possível observar também que a língua oral do PE prefere interrogativas Q clivadas (tanto com sujeito nulo quanto com SV).

A ordem SV sem clivagem é rara tanto na escrita quanto na fala do PE e muito frequente no PB que já não depende mais da clivagem para licenciar SV.

Os resultados da análise sugerem que há, no PE, uma ligação entre o comportamento da língua em relação ao PSN e a ordem VS/SV exibida por essa gramática. Há, entretanto, diferença significativa em relação a VS e SV na fala, ao contrário do que mostram os dados do PB oral e escrito.

Referências

- AMBAR, Maria Manuela. *Para uma sintaxe da inversão verbo-sujeito em Português*. Lisboa: Edições Colibri, 1992.
- BERLINCK, Rosane de Andrade. A construção V SN no Português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, Fernando (Org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, Ed. Pontes, 1989, p. 95-112.
- BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela. Estrutura da frase simples e tipos de frases. In: MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel et alii. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. rev. e ampl. Coimbra: Caminho, 2003.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1995
- DUARTE, M. Eugênia L. *A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil*. D.E.L.T.A., 8 (Especial), 1992, p. 37-52.
- _____. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993, p. 107-128.
- _____. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas, 1995.
- _____. *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo:

Parábola, 2012.

DUARTE, M. Eugênia L; Kato, Mary A. *A diachronic analysis of Brazilian Portuguese wh-questions*. Santa Barbara Portuguese Studies, v. VI, p. 326-339, 2002.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana M. S. *Sociolingüística Quantitativa*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, v. 1, 2007.

KATO, Mary. Deriving wh in situ thought movement in Brazilian Portuguese. In: CAMACHO-TABOADA, Victoria; ÁNGEL L.; JIMÉNEZ-FERNÁNDEZ, Javier Martín-González; MARIANO REYES-TEJEDOR (Ed.), *Information Structure and Agreement*. vi, 376 pp. (pp. 175–192), 2013.

_____. DUARTE, Maria Eugênia L., CYRINO, Sonia; ANDRADE BERLINCK, Rosane. Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio In: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra; SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (Org.) *500 anos de história lingüística no Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

KROCH, Anthony. *Reflexes of grammar in patterns of language change*. Language Variation and change, 1, 1989.

_____. Syntactic Change. In: BALTIN; COLLINS (Ed.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts. USA: Blackwell, 2001.

LOPES ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Ed.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993

MARTINS, Marco A.; COELHO, I; CAVALCANTE, S. Interfaces entre a Teoria da Variação e a Teoria da Gramática. In: ABRAÇADO, J.; MARTINS, M. A. (Org.). *Português Brasileiro*, v. III (no prelo)

PINHEIRO, Diogo; MARINS, Juliana. A trajetória das interrogativas QU- clivadas e não clivadas no Português Brasileiro. In: *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. DUARTE, M. (Org.) São Paulo: Parábola, 2012

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco; posfácio: Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.